



Narrativas na cidade: do *flâneur* anônimo ao jornalista das massas¹

Jeana Laura da Cunha Santos²

Resumo

Esse artigo propõe-se a fazer uma investigação sobre a vida e o trabalho do jornalista contemporâneo, procurando traçar um retrato de seu desencantamento, sua desocupação das ruas, seu excesso de jornada, seu automatismo, sua instrumentalização, sua “multifuncionalidade” que culminaria na desocupação da cidade, na volta aos gabinetes, tal qual era antes mesmo do primeiro cronista se aventurar no palco da cidade. Para tal, sob a perspectiva da antropologia urbana, usará como contraponto o olhar encantado dos primeiros jornalistas que, enquanto *flâneurs*, ocuparam a metrópole no começo do século XX para escreverem suas crônicas sobre tipos, fatos, modas, costumes, espaços urbanos etc. Através dessa “retórica da caminhada”, pretende desvelar o sonho contido no olhar dos primeiros cronistas da virada do século XIX para o XX que deu lugar a uma certa desilusão nesse começo de século XXI.

Palavras-chave

Crônica ; Literatura ; Jornalismo ; História ; Antropologia Urbana

Considerações iniciais

“O ato de caminhar está para o sistema urbano, como a enunciação (o *speech act*) está para a língua ou para os enunciados proferidos”, disse Certeau (1994, p. 177) ao referir-se a uma retórica da caminhada que seria similar ao ato de falar. Esse artigo, tal qual a caminhada, também começa ao “rés do chão”, pensando nos deslocamentos que se processam no asfalto, nos itinerários urbanos, nas vias que conduzem de um lugar ao outro. A relação do indivíduo com a cidade sempre pressupõe um movimento fixo ou aleatório. Perfazer um itinerário aleatório era, na virada do século XIX para o XX, a forma que o *flâneur* tinha de apropriar-se da cidade. O jornalista, que foi primeiramente um *flâneur*, documentava tipos, costumes, hábitos, modas, ruas, transportes públicos, perfazendo uma fisiologia da cidade que começava a ser descoberta e que fascinava. Do percurso aleatório do jornalista-*flâneur* em busca da experiência na metrópole incipiente ao jornalista *multifunção* que quase não a frequenta, toda uma retórica da caminhada que perfaz um discurso sobre a história desse tipo urbano que é o repórter. Se o primeiro percorria a cidade familiar para torná-la estranha,

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – História do Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Jornalista e pós-doutoranda do programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC. E-mail: jeanasantos@terra.com.br



o segundo no mais das vezes procura transformar o estranho em familiar. Se o primeiro ousou transportar os limites da casa burguesa para se aventurar no “olho da rua”, o segundo percorre o caminho de volta, traçando a cidade com um olhar à distância de quem não mais a habita.

Da casa à rua

Houve um tempo em que o jornalista comprazia-se em imergir na cidade para catar as notícias que a rua produzia. Tempo esse dos *dândies*, dos *boêmios*, dos *flâneurs*, tipos importados da vida parisiense que inspirava a *belle époque* tropical no seu *footing* diário pelas vielas cariocas repleta de contrastes (entre a Monarquia e a República, entre a manufatura e a indústria, entre o livro e o jornal).

Era o tempo de João do Rio, talvez o mais legítimo representante da classe literário-jornalística na paixão pela rua, na descrição de seus frequentadores, na imersão na vida anódina dos tipos que faziam das calçadas seu lar. Tal qual ele próprio que chegou a se auto-proclamar um *flâneur* que habita a rua: “Eu fui um pouco esse tipo complexo, e, talvez por isso, cada rua é para mim um ser vivo e imóvel” (JOÃO DO RIO, 2011, p. 33). Descrevendo o *flâneur* como um “pedestre da poesia da observação”, considerava-o um ingênuo porque, “conhecendo cada rua, cada beco, cada viela, sabendo-lhe um pedaço da história, (...), acaba com a vaga idéia de que todo o espetáculo da cidade foi feito especialmente para seu gozo próprio” (JOÃO DO RIO, 2011, p. 32).

Se para Delgado (1999, p. 33) os protagonistas da antropologia urbana não poderiam ser comunidades coerentes e homogêneas e sim passantes à deriva, estrangeiros, trabalhadores e moradores das vias públicas, dissimuladores natos, peregrinos eventuais etc., diríamos que esses tipos “arruados” faziam a seu modo uma antropologia da cidade. Nas crônicas de João do Rio uma profusão desses tipos perambula pela cidade: o cigano, o trapeiro, o apanha-rótulos, o selista, o caçador, o ledor, o tatuador, o vendedor de orações, o mercador de livro, o pintor da cidade, o velho cocheiro... Exemplos do que cronista carioca chamaria de “pequenas profissões ignoradas”:

Oh! Essas pequenas profissões ignoradas, que são partes integrantes do mecanismo das grandes cidades!



O Rio pode conhecer muito bem a vida do burguês de Londres, as peças de Paris, a geografia da Manchúria e o patriotismo japonês. A apostar, porém, que não conhece nem a sua própria planta, nem a vida de toda essa sociedade, de todos esses meios estranhos e exóticos, de todas as profissões que constituem o progresso, a dor, a miséria da vasta Babel que se transforma (JOÃO DO RIO, 2011, p. 60).

Tais tipos são como o cronista que extrai das ruas (e as devolve) o insumo de seu ofício através da crônica, gênero que, embora perecível, documenta para sempre as mínimas histórias (e por que não as mais importantes?) das experiências que se processam no palco da cidade. Por não ter a pretensão da imortalidade da narrativa livresca, a crônica sobreviveria tal qual ruína à corrosão dos anos justamente por se ater aos tipos periféricos e aos mínimos, tal qual Walter Benjamin que ao se debruçar sobre a gente miúda (a prostituta, o *flâneur*, o trapeiro, o poeta) e sobre os objetos pequenos (os selos, as coleções, as publicidades), ressignificou conceitos, reinventando o já pronto. A filosofia benjaminiana sobre a importância do descartável e do miúdo encontra seu correlato na declaração de Machado de Assis, ele próprio um apaixonado pelo gênero crônica e um observador arguto das pequenas histórias que a cidade produz:³ “Adeus. Curta é a crônica. (...) Houve negócios grandes, mas eu não sou pretor, curo só dos mínimos” (In GLEDSON, 1996, p. 256).

Ao escolher as mínimas histórias que se processam nas ruas, a crônica faz a travessia entre a casa e o espaço público da cidade. E o cronista, primeira forma do jornalista moderno, converte-se no *flâneur* que habita/desabita a cidade ao percorrê-la a pé, atento ao ir e vir do fluxo humano e das informações. O *flâneur* produz o que Certeau definiria como uma “retórica da caminhada”: “A caminhada afirma, lança, suspeita, arrisca, transgride, respeita etc. as trajetórias que ‘fala’ (CERTEAU, 1994, p. 179). Ela atualizaria a ordem espacial e as proibições dos percursos, inventando outros. Criaria assim “algo descontínuo, seja efetuando triagens nos significantes da ‘língua’ espacial, seja deslocando-os pelo uso que faz deles” (CERTEAU, 1994, p. 178). Como diz Featherstone (1996, p. 186) a respeito de como Benjamin não só investigava a cidade, mas como a usava como princípio organizador de seu material: “O texto é a cidade”.

³ Na minha tese de doutorado aproximo o “jornalista” Machado do filósofo Walter Benjamin derivando deles esse gosto pelo miúdo, pelas “pequenas” narrativas da qual o jornal é uma alegoria eloquente.



Ora, essa não seria também uma retórica do cronista (ou do repórter)? Ele se apropria não tanto da cidade em si, mas de suas zonas itinerantes, constituindo a metáfora do que Delgado (1999) reivindica para o estudo da antropologia urbana que, segundo ele, deveria se debruçar mais sobre os espaços usados transitoriamente, sejam públicos (ruas, vestíbulos, parques, metrô) ou semi-públicos (cafés, bares, discotecas, superfícies comerciais). Nesse sentido, o usuário do espaço urbano seria quase sempre um transeunte, alguém que estaria ali apenas de passagem.

Uma embriaguez acomete aquele que longamente vagou sem rumo pelas ruas. A cada passo, o andar ganha uma potência crescente; sempre menor se torna a sedução das lojas, dos bistrôs, das mulheres sorridentes, e sempre mais irresistível o magnetismo da próxima esquina, de uma massa de folhas distantes, de um nome de rua (BENJAMIN, 1994, p. 186).

Esse pedestre sem rumo seria o *flâneur*, que teria surgido em Paris do início do século XIX quando foram construídas na cidade cerca de 30 galerias cujos espaços intermediários entre a casa e a rua possibilitavam às pessoas caminhar, olhar, folgar, “gastar” o tempo. Tanto que esse personagem confrontava o ritmo veloz da cidade moderna levando uma tartaruga para passear. Conforme Featherstone (1996, p. 186), o *flâneur* não seria apenas aquele que perambula pela cidade. A *flânerie* seria um método de leitura para extrair sentidos da cidade e também um método de escrita, de construção dos textos. Benjamin aproximaria tal tipo parisiense do jornalista.⁴ Ambos se deixariam invadir por experiências novas enquanto cruzam a paisagem urbana e as multidões. “A base social da *flânerie* é o jornalismo. É como *flâneur* que o literato se dirige ao mercado para se vender” (BENJAMIN, 1994, p. 225). O tempo gasto na contemplação dos bulevares seria sua força de trabalho e as novas experiências na cidade, sua matéria-prima, vendida como mercadoria para consumo da massa urbana através das páginas volantes do jornal. Contemporaneamente, alguns teóricos também arriscam essa aproximação:

O mundo urbano tem características e particularidades que se expressam no jornalismo. Quando Georg Simmel (1979) cita o anonimato, as relações transitórias e a superficialidade como aspectos dos indivíduos urbanos, não se pode deixar de associar essas características ao jornalista. O jornalista experimentará no seu cotidiano a cidade como espaço da diversidade, do cruzamento de mundos e “tribos” diferentes, desvendando territórios

⁴ E também do artista, do escritor, do especialista cultural, do intelectual e do detetive.



heterogêneos e construindo, assim, um mapa, para muitos habitantes, desconhecido (TRAVANCAS, 2010, p. 123).

Assim, se hoje a mirada sobre a cidade esgota-se no cansaço que acomete o jornalista, houve um tempo em que a sedução da cidade era inebriante. Tempo em que os literatos, cansados do confinamento no interior burguês, experimentariam ir às ruas. Tempo de Machado de Assis, não o canônico homem das letras, mas o anônimo frequentador das ruas. “Naturalmente, cansadas as pernas, meto-me no primeiro bonde, que pode trazer-me a casa ou à Rua do Ouvidor, que é onde todos moramos”. Ali, “onde a vida passa um burburinho de todos os dias e de cada hora. Chovem assuntos modernos” (In GLEDSON, 1996, p. 190). E a produção de notícias na Rua do Ouvidor (“Pode ser que erre; mas ninguém me há de ver pedir notícias em outras ruas”) era também feita literalmente, uma vez que os jornais ali instalados empregavam muitos dos literatos que incrementavam o comércio local e movimentavam as confeitarias e os cafés: “Eles viviam a fantasia da Paris com que todos sonhavam, nos limites da estreita artéria pulsante que era a Rua do Ouvidor”, descreve Needell (1993, p. 221). De fato, documenta Needell, essa rua converte-se num símbolo da imitação do estilo de vida que se tinha nos bulevares europeus, com seus passeios diários, os chás nas confeitarias elegantes e uma vestimenta copiada dos últimos modelos de Paris e Londres. Em termos simbólicos, a Rua do Ouvidor era a Europa. Ao descrever sua predileção por tal rua, Machado justifica que, por ser ela estreita, obrigaria ao “cotejo”, e antecipa aqui uma das práticas jornalísticas em voga até hoje: “Enquanto um grupo nos dá uma notícia, outro, ao lado, repete a notícia contrária; a gente coteja as duas e aceita uma terceira (In GLEDSON, 1996, p. 242).

Esse fascínio exercido pela Rua do Ouvidor continuaria a ser registrado pelo cronista carioca em crônica de 1893, publicada na coluna “A Semana” da *Gazeta de Notícias*, onde, a partir de uma proposta do jornal *Diário de Notícias* pedindo o alargamento da tal “viela imunda”, resolve defendê-la e, por tabela, descreve-a em sua peculiaridade:

É a rua própria do boato. Vá lá correr um boato por avenidas amplas e lavadas de ar. O boato precisa de aconchego, da contigüidade, do ouvido à boca para murmurar depressa e baixinho, e saltar de um lado para outro. (...) O característico desta rua é ser uma espécie de loja, única, variada, estreita e comprida (In GLEDSON, 1996, p. 283).



Tão estreita e variada como o bulevar frequentado pelo *flâneur* na Paris do fim do Segundo Império. “A assimilação do literato à sociedade em que se encontra se consumou no bulevar. Era no bulevar que ele tinha à disposição o primeiro incidente, chiste ou boato. No bulevar, desdobrava os ornamentos de suas relações com colegas e *boas-vidas*; e estava tão dependente de seus efeitos quanto as coquetes de sua arte de se transvestir” (BENJAMIN, 1994, p. 24-25).

Como se vê pelo testemunho de Machado e de Benjamin, o fascínio da rua instigava nossos primeiros jornalistas, convidava-os a uma vida de aventuras e de assuntos modernos.⁵ A cidade passa a acolher o despedaçamento do sujeito moderno, sua necessidade de adaptar-se à aceleração, às rotinas de trabalho, à fragmentação do olhar, aos choques. Tudo isso transforma seu modo de viver e de sentir. “A experiência de viver nas grandes cidades modernas, planejadas em função dos novos fluxos energéticos e marcadas pela onipresença das novas técnicas, influencia e altera drasticamente a sensibilidade e os estados de disposição de seus habitantes” (SEVCENKO, 1998, p. 522).

Algo que os fisiologistas de Paris tentaram aplacar escrevendo a primeira literatura sobre as ruas e os tipos que nela habitavam: a “panorâmica”. Dentro desse gênero havia os fascículos em formato de bolso chamados de “fisiologias” que se ocupavam da descrição de tipos humanos que circulavam nas feiras de Paris. Mais tarde, dedicar-se-iam à consagração da cidade, perfilando suas ruas, seus panoramas, tudo para tornar aprazível a ameaça do outro estranho e do espaço “estrangeiro” da rua. Nessa mesma linha, a corrente realista na literatura ocidental consolidar-se-ia como nova forma de expressão. Descrevendo “a vida tal como ela é, estimulando a percepção do mundo real, das crises privadas escondidas nos segredos dos confortáveis lares burgueses às crises públicas que abalavam as cidades e os poderes” (PONTE, 2005, p. 43), aproxima-se do jornalismo emergente do século XIX.

E se em Paris eram os fisiologistas que adquiriam *status*, aqui no Brasil a crônica surgiria para aplacar os sentidos e se configurar como uma escritura moderna, calcada no modelo de fragmentação. Diante de tal existência contraditória que oscila entre a segurança da casa burguesa e o fascínio mundano do “olho da rua”, haveria de se criar

⁵ Todavia, por trás dessa documentação dos modos de vivência e dos aspectos das cidades havia também um temor. Conforme Benjamin (1994, p. 43), tal medo refletia-se na atitude que a burguesia tinha em buscar uma compensação pelo desaparecimento dos vestígios da vida privada na cidade grande apropriando-se cada vez mais de seus artigos e acessórios caseiros, fixando sua marca nos objetos, enfeitando-os, cobrindo-os, tornando a casa um reduto apropriado contra a ameaça da perda de identidade. Mas, paradoxalmente, o medo passa a ceder lugar à vontade de se sair às ruas enigmáticas e o sujeito moderno começa a isolar-se como nunca no seio da massa, da multidão.



um texto que ajustasse as duas pontas de sentimentos tão extremos. Um texto que passasse em revista a vida burguesa em seu *footing* diário, mas também a “marginália” proscrita que habitava as calçadas; que exaltasse os novos transportes públicos, mas que denunciasses os seus acidentes; que se encantasse com o que nela se ergue, mas se inquietasse com o que converte em ruína. Um texto que tivesse amor às ruas, que as consagrasses, que as dissecasse através de uma fisiologia da cidade inquietante. E que circulasse, tal qual *flâneur*, num tipo de literatura que percorre as ruas.

Tal literatura seria o jornal. Se a moldura do livro ainda corresponde à armação do interior burguês, a massa, parodiando Benjamin, só exerceria seu direito à cidade pelo jornal, veículo que passa por ruas, recolhendo notícias e tipos e retratando o estilhaçamento dos tempos modernos. A cidade é, então, recuperada pelo cronista através das páginas móveis do jornal. Ele age como um *flâneur* que, na acepção benjaminiana, é o poeta que vagueia pelas ruas urbanas lutando contra a dissolução da individualidade do sujeito e contra a perda da capacidade de olhar criticamente, recuperando para si a cidade. Ela que alegoriza na sua própria forma (fragmentada, efêmera, distraída) e também nos assuntos que documenta a experiência moderna de quem ousou transpor os limites da casa para flunar na rua.

E “o que é a rua?”, perguntar-se-ia João do Rio que teria consultado vários dicionários na busca por uma definição. Para tais dicionários, a rua era “apenas um alinhado de fachadas por onde se anda nas povoações. Ora a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida nas cidades, a rua tem alma!” (JOÃO DO RIO, 2011, p. 29). “As ruas são a morada do coletivo”, diria Benjamin (1994, p.194), para quem “a rua conduz o flunador a um tempo desaparecido” (1994, p.185), tempo da infância.

A crônica documenta, então, o significado e a essência da rua na modernidade. Na imprevisível caminhada do transeunte/cronista moderno que, distraído, vive a dialética própria dos períodos de transição. Contra a rigidez e durabilidade da literatura canônica, debruça-se sobre o movimento e as histórias mínimas que se processam nas ruas da grande cidade. E, ao fazê-lo, perfaz um movimento similar ao que Rocha e Eckert reivindicam para a antropologia urbana: o deslocamento do “foco de análise da descrição realista da cidade na história para um conhecimento compreensivo da cidade segundo os acontecimentos anódinos que ocorrem no seu interior e a eferescência que rege a vida ordinária de seus habitantes” (ROCHA ; ECKERT, 2005, p. 95). Por sua natureza miúda a crônica assume um lugar estratégico para a reflexão antropológica. “Nas grandes metrópoles, a vida humana torna-se objeto principal de estudo pelos



‘retalhos, os resíduos’, ‘secundário ou excêntrico’: a moda, o jogo, o colecionador, os dioramas, a prostituição, o *flâneur*, as passagens, o interior, as ruas, a fotografia, o *réclame*” (ROCHA ; ECKERT, 2005, p. 83). A crônica é, sem dúvida, um desses resíduos.

Com o gênero carioca por excelência, surge o novo “escriba de coisas miúdas”, não mais literato e nem ainda jornalista. Esses senhores que ousaram abandonar a casa segura, canônica, domesticada da palavra livresca para se aventurar, enquanto *flâneurs*, no olho da rua. Afinal, como diz Machado ((In PAIVA DE LUCA, 1998, p. 232), “não nos envergonhemos de viver na rua; é muito mais fresco”

Da rua a casa

Se esse primeiro contato com as ruas da cidade moderna causava *frisson* na multidão, e em especial nos primeiros jornalistas, não demoraria para que se notassem os primeiros sintomas de um reversão da moeda. A cidade se cindiria em seus pólos dialéticos (BENJAMIN, 1994, p. 186) e a vivência de choque, sentida pelo transeunte na multidão, corresponderia à vivência do operário com a máquina (BENJAMIN, 1994, p. 126).

Olavo Bilac talvez tenha sido o primeiro cronista a notar os efeitos do choque das grandes cidades na própria psique do jornalista. Foi em crônica da *Gazeta de Notícias* do dia 11 de junho de 1895 (In DIMAS, 1996, p. 149-153), na qual chama tal profissional de “homem-multidão” e procura elucidar os caminhos que estariam levando este “filho de Gutenberg” a abdicar de “ter papilas nervosas na sua grossa pele de pedra e ferro”, a tal ponto que os acontecimentos passassem por ele “como as rajadas do vento passam por cima das rochas vivas sem que as enruguem nem abalem”. Diante do desafio de ser “como as engenhosas máquinas americanas de escrever – uma fila de teclas, um rolo de tinta, uma bobina de papel –, mais nada”, o jornalista precisou pagar um alto preço: tornou-se o profissional que mais freqüentava os consultórios de moléstias nervosas da época: “Quando entrardes num desses consultórios e virdes um homem, no meio da sala, firmando-se no chão com um pé só, olhos fechados e braços abertos no ar – podeis desde logo assegurar que é um jornalista neurastênico em que se procura verificar a existência do sinal de Romberg” (In DIMAS, 1996).

Conforme Buck-Morss (1996, p. 24-25), a anestésica tornou-se uma técnica sofisticada na segunda metade do século XIX, e, portanto, neste período da crônica de Bilac. Visava a combater a “neurastenia”, doença identificada em 1869 pelo



doutor George Miller Beard, em Nova Iorque, e que por volta dos anos 1880 já era largamente debatida na Europa. O tratamento se dava por eletroterapia (choques) ou por drogas como o ópio ou a cocaína, e seu efeito fundamental era a desintegração da capacidade para a experiência e, por isso, tinha algumas denominações significativas: nervos “abalados”, “colapso” nervoso, “feito em pedaços”, “fragmentação” da psique. Era causada, segundo levantamento da autora, por excesso de estímulo decorrente do trabalho em demasia, do desgaste da vida moderna, dos acidentes ferroviários, dos trabalhos nas fábricas etc. Diante disso, é interessante constatar uma das situações que Bilac (In DIMAS, 1996) cita como sendo desencadeadora de “moléstias nervosas” no jornalista:

O jornalista X, bem-dormido e bem almoçado, sai de casa, a caminho do seu jornal. Toma um bonde elétrico. Abre todas as folhas e começa a ler. Já essa leitura principia a desorganizar-lhe o sistema nervoso. Em meio da viagem, o bonde elétrico (não fosse ele elétrico!) reduz a pó impalpável o corpo de um transeunte. X toma do lápis e registra o fato: e já é seu próprio corpo de jornalista que sente a dor terrível do despedaçamento...

Além de ratificar o exemplo do acidente ferroviário como uma das causas da neurastenia, “a dor terrível do despedaçamento” que sente o corpo do jornalista ao ver o corpo despedaçado do transeunte ilustra bem uma das metáforas para a doença: nervos “feitos em pedaços”. E é precisamente o choque do despedaçamento do corpo que o jornalista registrará no corpo também em pedaços do jornal. A experiência traumática da vida real, desencadeadora de neurastenia, precisa ser aplacada (no caso da crônica, o “especialista em moléstias nervosas” dará cabo ao “derramadíssimo e atrapalhadíssimo sistema nervoso” do jornalista) e, enfim, transferida na forma despedaçada da notícia “sensacional” do jornal.

Benjamim atribuiria o sucesso do jornal ao fato de reduzir as chances dos acontecimentos exteriores se integrarem à experiência do cidadão. Segundo ele, “os princípios da informação jornalística (novidade, concisão, inteligibilidade e, sobretudo, falta de conexão entre uma notícia e outra)”, e também a paginação e o estilo lingüístico, contribuiriam para que o leitor fosse apartado da experiência. “Na substituição da antiga forma narrativa pela informação, e da informação pela sensação reflete-se a crescente atrofia da experiência” (BENJAMIN, 1994, p. 107).



E hoje, em tempos virtuais, em que o despedaçamento do olhar é mais agudo do que em qualquer outro tempo, como estaria a psique do jornalista?

O homem-multidão

A percepção pioneira de Bilac sobre o homem-multidão dos começos do século XX atingiria sua faceta mais agônica em finais do século XX. Se buscamos no passado a promessa contida no olhar utópico dos *flâneurs* e dos cronistas pioneiros sobre o exercício do jornalismo nas ruas em ebulição é para analisarmos o quê, na pior das hipóteses, caiu na desmobilização dos sentidos do capitalismo tardo-moderno.

Nunca na história o exercício da profissão foi marcado por tanto estresse e desilusão. O que se costumava chamar no meio de “crise dos 40 anos” avança inexoravelmente para a “crise dos 30 anos”, e se a afirmação de Bilac de 1894 sobre o corpo de jornalista sentir “a dor terrível do despedaçamento” soava dramática, hoje é a mais contundente expressão da verdade.

Em que medida o esquarteramento das informações e a pressão da velocidade dos meios pelo furo de reportagem está afetando o corpo e a psique dos jornalistas de plantão? E “plantão” aqui não é usado como força de expressão, mas tomado em seu sentido literal, uma vez que as empresas diminuem os quadros e obrigam os jornalistas a cumprirem jornadas extenuantes. Uma pesquisa recente feita pelo psicólogo, professor e pesquisador da Faculdade de Educação da Unicamp e da Fundação Getúlio Vargas, Roberto Heloani, revela por que os jornalistas estão adoecendo como nunca. Heloani ouviu dezenas de profissionais de jornais, rádio, TV, jornal impresso e assessorias de imprensa de São Paulo e Rio de Janeiro e detectou uma “jovialização” da profissão devido ao ritmo frenético imposto pelos novos modelos empresariais. A jornada de trabalho, que pela lei deveria ser de 5 horas, nos estados pesquisados chega a 12 horas.

O medo de perder o emprego também seria outro fator de estresse e, segundo o pesquisador, o jornalista estaria sempre às voltas com um “plano B”, o que causaria muitos danos à sua saúde física e mental. Os Acidentes Vasculares Cerebrais (AVCs), o fenômeno da morte súbita, o aumento da dependência química, a síndrome do pânico, a angústia e a depressão aumentam assustadoramente na profissão. Segundo Heloani, 80% dos profissionais pesquisados têm estresse e 24,4% estão na fase da exaustão, o que significa que de cada quatro jornalistas, um está sofrendo por conta da enorme



carga emocional e física causada pelo trabalho. Diante deste quadro, a maioria dos entrevistados não ultrapassa a barreira dos 20 anos de profissão.

Que sobra, então, da *flânerie* revolucionária inerente à visão romântica da profissão documentada de forma poética por Benjamin? “Deveríamos considerar a *flânerie* como uma forma de uma época e de um lugar específicos, que não existem mais?”, pergunta-se Featherstone (1996, p. 189).⁶ Que indícios dessa visão inaugural e bela da profissão poderiam lançar luz sobre o presente, redimindo o tal jornalista neurastênico de Bilac?

À luz dessa perspectiva convém agora perfazer os passos até o presente, tempo em que a cidade volta a não mais nos pertencer. Voltamos, na virada do século XX para o XXI, a buscar refúgio no espaço intermediário do *shopping center*, a galeria tardo-moderna, mundo controlado em miniatura. Se o grande magazine é o derradeiro refúgio do flâneur, sua última encarnação é o homem-sanduíche (BENJAMIN, 1994, 227). Contra a crônica dos bulevares, a crônica policial a dar vazão aos fatos de uma cidade cuja violência urbana só faz crescer. A notícia sensacionalista que disputava o espaço da opinião – e que procurava ser um sucedâneo anestésico do medo das multidões e do automatismo das grandes cidades – nos primeiros jornais, volta a figurar na profusão de publicações sensacionalistas e nos programas de cunho policialesco voltados para as massas.

A utopia da cidade tomada e vencida dá lugar à desterritorialização.

A cidade torna-se policêntrica, perde seu centro único como referencial, e as periferias, já multiplicadas, agregam-se numa massa contínua e circundante. Novo arranjo moldado à cidade-corredor, às zonas de percurso, à liberação dos fluxos, de pessoas, de carros, de negócios, de informação, de imagens (SILVA, 2009, p. 105).

Para a autora, o se “deixar estar” na cidade do cronista dá lugar ao “chegar lá e não ficar” do passante atual. O que o caracteriza é o ritmo veloz que imprime ao passo, reproduzindo no corpo o andar frenético dos carros, dos transportes públicos, das informações.

Segundo ainda Silva (2009), não só o espacial entra em colapso, mas também o temporal. Os acontecimentos se sobreporiam, seriam ininteligíveis, circulariam velozes e urgentes, superando em muito a velocidade do jornal impresso, já que seriam as redes de comunicação eletrônicas que ditariam o tempo dos acontecimentos. O *ao vivo*

⁶ Para Featherstone, a *flânerie* não desapareceu, apenas migrou na pós-modernidade para outras experiências, como ir às compras, aos shoppings, aos parques temáticos, ao cinema, empreender viagens, navegar pela internet etc.



televisivo, o *on line* das redes sociais (comunicadores instantâneos, chats, fóruns, listas de discussão, blogs, wikis etc.) re-configuram o tempo e o espaço, esse que já não é mais o da rua, mas novamente o da casa. O *repórter-flâneur* “bate em retirada” e dá lugar ao gerenciador das informações em tempo real, que acumula em si todas as etapas da produção jornalística, e que já não habita as ruas, mas que se recolhe, assolado pelo *frenesi* do instantâneo, para o gabinete ou para a casa. No espaço domesticado das quatro paredes, ele recebe informações provindas dos centros de decisões, através dos *releases* (textos enviados pelos assessores de imprensa), das matérias prontas das agências de notícias, nacionais ou internacionais, das informações cyberespaciais, de bancos de dados, de redes sociais sem que necessariamente seja testemunha primordial dos acontecimentos.

Assim, se o *flâneur* seria para Benjamin um tipo importante para se entender a metrópole incipiente da modernidade no século XIX, “porque aponta para a posição central da locomoção na vida social: ele é constantemente invadido por ondas de experiências novas e desenvolve novas percepções enquanto cruza a paisagem urbana e as multidões (FEATHERSTONE, 1996, p. 189), o que sobraria da *flânerie* criadora quando a sensação substitui a experiência? Ou em que medida, pergunta-se Featherstone (1996, p. 190), “o *flâneur* é ainda significativo atualmente?”. E acrescenta: “Deveríamos considerar a *flânerie* como uma forma de uma época e de um lugar específicos, que não existem mais?”.

Em 1858, Victor Fournel, citado por Benjamin (1994, p. 202), comentava o fato de que o *flâneur*, com sua capacidade de observação e em plena posse de sua individualidade, estaria sendo substituído pelo *badaud*, ou basbaque, que se impressionaria até a embriaguez e o êxtase com a cena urbana a ponto de se tornar um ser impessoal. Se o declínio do *flâneur* deu lugar ao *badaud*, cujo olhar banaliza o espaço, se a ascensão do tráfego, o surgimento do automóvel teriam levado o *flâneur* ao declínio ou ao exílio nos espaço semi-públicos das ruas comerciais fechadas, dos *shopping centers*, das lojas de departamento, algumas de suas facetas não teriam sobrevivido ou se reinventado em algumas práticas jornalísticas contemporâneas? Por outro lado, até que ponto o *olhar móvel* do *flâneur*, que via a cidade moderna como fragmentada e alegórica, não atinge seu extremo no *olhar distraído* do jornalista tardo-moderno que enquanto se move pela cidade também a perde? Até que ponto a distração como modo de ver não teria sido cooptada pela lógica do jornalismo que no afã de levar essa experiência ao extremo a mercantiliza? São perguntas sem respostas definitivas



lançadas onde os tempos confluem, onde as experiências se mesclam, onde as fronteiras já não são mais demarcadas.

Considerações finais

Com essas perspectivas às vezes híbridas e às vezes antagônicas, pretendemos mediar as duas fronteiras temporais e espaciais do labor jornalístico. Se houve um tempo em que escritores e pensadores como Benjamin nutriam uma percepção utópica e revolucionária sobre o jornalismo, hoje experimenta-se sua faceta mais agônica. Cabe agora debruçarmos sobre esse fenômeno contemporâneo no intuito de entendê-lo e quiçá superá-lo.⁷ Buscar no atrás do tempo o encantamento pioneiro dos primeiros homens do jornal com relação às ruas e à vida nas grandes cidades é lançar luz sobre o desencantamento atual. Procurando entender a história deste encanto/desencanto, na perspectiva dos jornalistas antigos e atuais, busca-se entender toda uma forma de imaginação humana comum a quem escreve e também a quem lê.

Todo esse furor dos passos apressados dos itinerários sobre a *pólis* teve seu instante pioneiro no trote do *flâneur* que queria recuperar a fisionomia de uma cidade que já começava a não lhe pertencer. O *jornalista-flâneur* catalogava os espaços e os tempos da cidade partida e entregava-os no texto partido da crônica nas páginas também partidas do jornal. Já o *jornalista-multifunção* (o que faz tudo: filma, dirige, ilumina, escreve, edita, bloga etc...), vivendo numa época de informações previsíveis enviadas pelos centros de poder às redações, desabita cada vez mais a cidade, bate em retirada, revisitando-a sazonalmente tal qual turista que nela busca, no lugar do sempre o mesmo, o imprevisível.⁸

Depois do percurso de revisitação de alguns cronistas e suas perspectivas pioneiras sobre a ocupação da cidade moderna, fez-se o percurso tardo-moderno: buscou-se no jornalismo contemporâneo os indícios de saturação dessa mirada inaugural e o desgaste da fórmula clássica de que lugar de repórter é na rua. Muito embora, as duas formas de labor convivam lado a lado nestes tempos de transição e de hibridismos, em que o próprio jornal, considerado tão moderno e ágil nos tempos dos

⁷ Vale ressaltar que o departamento de Sociologia e Ciência Política da UFSC, com o apoio da Federação Nacional de Jornalistas (FENAJ), está desenvolvendo o projeto de pesquisa “Perfil profissional do jornalista brasileiro”, sob a coordenação do professor e jornalista Jacques Mick. O objetivo é mapear os jornalistas em atuação no Brasil para viabilizar novas pesquisas nacionais destinadas a traçar o novo perfil da categoria.

⁸ Muito embora o surgimento cada vez maior de associações de jornalistas investigativos tente manter a aura do jornalismo, de se ir para a rua, investigar, testemunhar, desvendar, de acordo com critérios de relevância social, utilizando as modernas tecnologias como, por exemplo, reportagens assistidas por computador.



cronistas de outrora, é considerado hoje lento para acompanhar a “novidade” que se apresenta a cada segundo e por não dar mais conta da pressa do indivíduo do século XXI. Esse convívio fica evidente na busca pela volta da narrativa, da reportagem, do perfil, gêneros jornalísticos menos apressados, mas que, paradoxalmente, migram cada vez mais para os blogs e *sites* especializados.

Mas é inegável que se experimenta hoje, na sua forma mais agônica, o desencantamento desse sonho. Fazemos a travessia de volta e os *shoppings centers* são a representação tardia das primeiras passagens e galerias que surgiram nas metrópoles a dar conta do nosso medo da rua absoluta, onde nos perdemos, onde correremos riscos, onde nos expomos. “Os passos do caminhante atento não costuram simplesmente, uns aos outros, pontos desconexos e aleatórios da paisagem. Ele se arrisca, cruzando umbrais, e, assim fazendo, ordena diferenças, constrói sentidos, posiciona-se” (ARANTES, 2000). Algo que se perde hoje nas cidades modernas que, com seus excessos, convertem-se novamente na imagem que nos ameaça, nos angustia e nos traz incertezas.

Esse artigo procurou então olhar o jornalismo tardo-moderno para além de seu pretense papel de meio de informação e de formação de uma opinião pública esclarecida. Pretendeu buscá-lo na sua mirada antropológica sobre a *polis*, sobre o espaço social partilhado na grande cidade. Abordar, antropológicamente, os meios de comunicação de massa é fazer uma análise do jornalista (antes o *flâneur*, hoje o repórter) e de seus textos (antes a crônica, hoje as notícias por segundo) como produtos culturais que desvelam um tempo e um espaço que transcendem ao próprio jornalista e que revelam muito sobre nós mesmos.

Referências bibliográficas

ARANTES, Antonio A. “A guerra dos lugares. Mapeando zonas de turbulência”. In: ARANTES, Antonio A (org.). **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2000.

ASSIS, Machado de. **Esau e Jacó**. 12ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. 3ª ed. São Paulo: FTD, 1992.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.



BUCK-MORSS, Susan. *Estética e anestésica: o 'ensaio sobre a obra de arte' de Walter Benjamin reconsiderado*. In: **Travessia**: revista de literatura. Florianópolis (SC): Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (Edufsc), ago / dez 1996. n° 33. p. 11-41.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

DELGADO, Manuel. **El animal público**: hacia una antropología de los espacios urbanos. Barcelona: Anagrama, 1999.

DIMAS, Antônio (org.). **Vossa insolência**: crônicas / Olavo Bilac. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FEATHERSTONE, Mike. “O flâneur, a cidade e a vida pública virtual”. In: ARANTES, Antonio (org.). *O espaço e a diferença*. Campinas (SP): Papirus, 2000. p. 186-208.

GLEDSON, John (edição, introdução e notas). **Bons Dias!** crônicas (1888-1889) Machado de Assis. São Paulo: Hucitec, 1996.

JOÃO DO RIO. **A alma encantadora das ruas**: crônicas. 5ª reimpressão. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle époque tropical**: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. Tradução: Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PAIVA DE LUCA, Heloisa Helena (org.). **Balas de estalo de Machado de Assis**. São Paulo: Annablume, 1998.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias**: linhas de análise do discurso jornalístico. Florianópolis: Insular, 2005.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da ; ECKERT, Cornélia. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

SILVA, Gislene. **O sonho da casa no campo**: jornalismo e imaginário de leitores urbanos. Florianópolis: Insular, 2009.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas**. 4a ed. São Paulo: Summus, 2011.